

A mulher na sociedade germânica

Arthur B. Rambo

Entre os povos germânicos pré-cristãos e no raiar do cristianismo, é notória a posição de destaque que as mulheres ocupavam em todas as situações. A mulher germânica, de forma alguma, deve ser vista como uma criatura do assim chamado “sexo frágil”, necessitando de constante proteção, nem tampouco como uma fatalidade biológica indispensável para a procriação e a satisfação do homem, ou como uma besta de carga responsável pela criação dos filhos e a administração da casa. A mulher germânica costumava estar ao lado do seu homem para o que desse e viesse. Essa constatação nada mais é do que uma consequência óbvia quando se analisam, por exemplo, as migrações dos povos entre os séculos quarto e nono. Não foram apenas incursões de guerreiros e conquistadores no sentido corrente do termo, mas, povos inteiros que se movimentavam, migravam e terminavam por se fixar em terras longínquas. As vanguardas de combatentes abriam caminho e a eles seguiam de perto as mulheres e os filhos. Compartilhavam os riscos e privações, encorajavam os homens, orgulhavam-se dos seus feitos e do seu heroísmo quando tombavam nos combates. Costumavam carregar no cinto um pequeno punhal e dele se valiam quando a necessidade o exigia. Ocasões houve em que as mulheres se envolviam diretamente nos combates. Relatos históricos dão conta de que esta era, na prática, a rotina das mulheres dos Cimbrós e Teutões, em migração para além dos Alpes e na conquista do Norte da Itália.

Figuras femininas germânicas como Hertwiga, companheira de Odoaker, mortalmente ferida em companhia do marido na batalha de Ravena no final do século quinto, tornaram-se exemplares na história desses povos. Entre elas, merece destaque, por exemplo, Veleda, a mais famosa vidente conhecida entre os germanos pré-cristãos. Do alto de uma torre na Vestfália, distribuía seus conselhos a integrantes das tribos da região, inclusive aos romanos, que costumavam procurá-la.

Tácito, ao ressaltar a posição de destaque de que a mulher gozava na antiga sociedade germânica, além de registrar a sua admiração pessoal por ela, perseguia também um objetivo pedagógico. As mulheres germânicas deveriam servir de exemplo para a sociedade romana como um todo em decadência, mas principalmente para a mulher romana em particular.

A cristianização dos povos germânicos em nada afetou o lugar tradicional da mulher. Sob certos aspectos até o sublimou. Houve uma preocupação muito grande da parte dos missionários em preservar tudo o que de positivo havia naquelas tradições em relação à mulher, ao seu papel e à imagem da sua personalidade forte e marcante. A Igreja deve, de fato, muito às mulheres germânicas, principalmente no período da cristianização dos povos a que pertenciam. Lendárias tornaram-se as figuras da esposa de Ehlwig, uma princesa cristã borgúndia, que tem o seu nome indelevelmente vinculada à conversão dos francos; a princesa bávara Theodolinde, que ajudou São Columbano a construir o mosteiro de Bobio; a participação da princesa da Turingia, educada num convento francônio, foi decisiva na cristianização do próprio povo. A conversão dos anglo-saxões por missionários enviados pelo papa Gregório, só pôde ser levada a bom

termo com a interferência de Ethelbert, rei dos anglo-saxões, e uma princesa cristã da casa real dos francos. O já várias vezes citado A. Stonner, não hesita em afirmar.

Presenciamos também como essas mulheres germânicas passaram por uma sublimação interna pessoal, fato que faz parte daquilo que há de mais belo e acende uma luz em meio às perturbações daqueles tempos, não poucas vezes selvagens. (Stonner, 1934, p. 37)

Na companhia dos grandes missionários responsáveis pela cristianização da Europa Central e do Norte, encontram-se invariavelmente personalidades femininas. Deram tudo de si para que a obra prosperasse e, em não poucos casos, garantiram a continuidade da obra começada, quando os missionários partiam para novas frentes de evangelização ou vinham a faltar por outro motivo qualquer. Nesse sentido há notícia de uma mulher Viking de nome Friedeburg e de sua filha Kathle, que permaneceram fiéis à fé cristã, mesmo após a expulsão do bispo Gautbert e dos missionários sob sua orientação e o povo voltou a venerar os deuses pagãos. Merecem ser citadas algumas personalidades femininas na vida e atividade cristianizadora de São Bonifácio, cognominado apóstolo da Alemanha. Entre elas destaca-se a anglo-saxônica Eangyth, que presidiu um mosteiro duplo para monges e monjas, uma realidade, para a nossa maneira atual de ver as coisas, um tanto estranha. Não é difícil de imaginar o que o cargo vinha a exigir da abadessa em termos de sabedoria na condução e energia em fazer valer a disciplina monástica, numa instituição que abrigava, por vezes, várias centenas de monges e monjas. Em sua correspondência com São Bonifácio fala da responsabilidade de manter, num bom patamar, tanto no regime disciplinar como na conduta monacal e, ainda, administrar os desentendimentos internos, de modo especial entre os monges.

No fim o autor acrescenta a observação de que essas mulheres, de forma alguma, foram personalidades masculinizadas. A prova encontra-se novamente na correspondência da abadessa Eangyth com São Bonifácio e em outras correspondências de mulheres da época. Ele próprio definiu o significado da presença feminina da abadessa na sua vida, ao chamá-la “solatium peregrinationis meae” – “consolo da minha peregrinação”.

Uma segunda figura feminina que acompanhou São Bonifácio e colaborou na fundação e condução do mosteiro de Fulda foi Lioba. Filha única de grande amigo do santo, deve ter sido uma mulher dotada de uma sabedoria enérgica e de uma autêntica personalidade feminina. Este relacionamento fraterno, íntimo, comprometido entre personagens paradigmáticos do cristianismo da época, com figuras femininas igualmente exemplares, não foi, de maneira alguma, excepcional. Fazia parte da natureza do próprio cristianismo e da sua consolidação no mundo bárbaro. Os exemplos poderiam ser multiplicados ao indefinido. Não é o objetivo do presente trabalho. Concluímos com a observação de Stonner.

O que na fundação da Igreja parecia uma perspectiva promissora, ao observarmos a colaboração com que Paulo contou na sua obra missionária, ressurgiu aqui, após longa estagnação, numa exuberância somente explicável pelo respeito que os germanos cultivavam pela mulher. Infelizmente, este florescimento não foi duradouro. Este grau de valorização das grandes mulheres durou apenas até o tempo dos Otões, Hartsvit de Gauderheim, tão grande como escritora quanto como poetisa, bem como Adelheid,

Gerberga e, ainda, de Mechtild de Quedlingburg e a imperatriz Kunegunde, foram mulheres deste formato. (Sonner, 1934, p. 45-46)

Embora, conforme a avaliação de Stonner, as grandes mulheres, as mulheres que marcaram época e fizeram a história entre os povos germânicos da Antiguidade e da Idade Média, se tivessem tornado uma raridade, elas estão presentes e, principalmente, foram decisivas mesmo no anonimato, em momentos dramáticos da história posterior. E um desses momentos foram sem dúvida os anos logo depois da Segunda Guerra Mundial. O Holocausto merece com justiça um destaque proporcional à sua importância a ele dedicado pelos historiadores. Mas, há um outro aspecto da guerra e, principalmente, suas consequências pouco destacadas. Alemanha fora sistematicamente arrasada pelos bombardeios aéreos e os combates terrestres. Cidades sem qualquer importância estratégica, como Dresden com suas galerias de arte, museus, pinacotecas e arquitetura admirada pelos historiadores, artistas e os visitantes comuns, foi reduzida em três dias a escombros por sucessivas ondas de centenas de bombardeiros. Pilhas de corpos de crianças, mulheres e idosos ocupavam ruas e praças. Dezenas de outras cidades não escaparam ao bombardeio diário dos aviões dos aliados. E, a invasão por terra a partir do oeste pelos ingleses, americanos e franceses e a partir do leste pelos russos, arrasaram o que escapara dos bombardeios. Em meio a esse caos generalizado o maior preço foi pago pela população civil. A população masculina de jovens, adultos, incluindo homens de 50 ou mais anos, ou morrera nas frentes de combate, ou caíra prisioneira e confinada nos campos de prisioneiros e, na frente leste, incontáveis deles confinados nos trabalhos forçados na Sibéria.

Acontece que a história das guerras costuma ser contada e registrada pelo viés dos vencedores. A tragédia que a população da Alemanha vencida enfrentou durante o conflito e os anos que o seguiram, senão ignorada, passou à margem dos interesses dos historiadores que se ocuparam ou ocupam ainda com aquele período. Poucos são os livros e outras formas de registro que lançam alguma luz sobre o cotidiano dramático das mulheres, crianças e idosos atônitos e desorientados, que perambulavam às centenas de milhares, senão milhões, sem abrigo, sem alimento, sem assistência, procurando de alguma forma sobreviver e tentando vislumbrar algum sinal que alimentasse os restos de esperança de um possível futuro menos sombrio. Já em fase de uma rápida e espantosa recuperação da Alemanha tive acesso a dois livros, um deles com o título "Der Tod Dresdens" (A morte de Dresden) e segundo "Heldentum deutscher Frauen" (O heroísmo de mulheres alemãs). "A Morte de Dresden" descreve em detalhes o horror daqueles dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 1945. Em sucessivas levadas 1.300 bombardeiros despejaram 3.900 toneladas de bombas, muitas delas incendiárias sobre a cidade apelidada "Florença do Elba". A estimativa de mortos, na sua totalidade civil oscila entre 250.000 e 500.000. Como já alertamos mais acima, Dresden não foi uma cidade militarmente estratégica. Há-os que defenderam o bombardeio, mas 70 anos depois do episódio a opinião de historiadores, analistas de estrategistas igualam essa destruição, somada a muitas outras cidades sem importância militar, ao holocausto e afirmam tratar-se de autênticos crimes de guerra. Ninguém foi responsabilizado porque, afinal coube aos vencedores permitir que esse verdadeiro genocídio fosse perpetrado. Com esse breve resumo sobre a tragédia de Dresden e dezenas de outras cidades, tive com objetivo a contextualização da reação das mulheres alemãs principalmente em situações extremas. A resposta para essa característica fica explícita no também já citado livro "O

Heroísmo de Mulheres alemãs”. (Heldentum deutscher Frauen). Não é aqui o lugar para me ater exaustivamente às violências cometidas pelas tropas de ocupação nos dois fronts, em termos de estupros, assassinatos, torturas e outras tantas agressões impostas pelos vencedores a mulheres de todas as idades.

Terminada a guerra os novos líderes da Alemanha subsidiados pelo “Plano Marshal” não perderam tempo para reconstruir o País. Foi neste cenário que se fez presente a figura da “Trümmerfrau” – “A Mulher dos escombros”. Estima-se que só em Berlim 60.000 delas foram responsáveis pela remoção dos tijolos, madeiras e demais restos de construção que cobriam as ruas, avenidas e praças. Com carrinhos de mão, carrocinhas improvisadas e com as mãos desprotegidas separavam os tijolos, os limpavam e empilhavam para serem reaproveitados na reconstrução. Amontoavam os entulhos inaproveitáveis em lugares estratégicos livrando os espaços para os profissionais programarem e executarem a espantosa obra da reconstrução das cidades pequenas e grandes arrasadas pela estupidez e a irracionalidade da guerra. Dezenas de milhares de viúvas, mães, noivas e moças solteiras que choravam os maridos, os filhos, os noivos e os irmãos, tombados nas frentes de combate, desaparecidos ou confinados em campos de prisioneiros e/ou de trabalhos forçados, reuniram-se como que num exército de assalto, que tornou, em grande parte, possível o duro remeço. As atuais gerações da Alemanha fariam bem em construir um monumento em homenagem às suas avós e bisavós que sozinhas com as mãos esfoladas, os pés maltratados, com o coração sangrando, mas indômitas como suas ancestrais formaram as brigadas das “Trümmerfrauen – das “Mulheres dos Escombros”. E, voltando à reflexão que motivou essa digressão observa-se, respeitadas as devidas circunstâncias, um paralelismo nada forçado entre o perfil das “Mulheres dos escombros” de Berlim e outras cidades e suas contemporâneas, as “Mulheres da floresta virgem”, no Rio Grand do Sul, no Alto Uruguai e Oeste de Santa Catarina.

As emigrações em massa da Europa Central e do Norte, assumindo as proporções de autênticas diásporas, durante os séculos XVIII, XIX e a primeira metade do século XX, foram um outro momento desses. Milhares, centenas de milhares, milhões de homens, mulheres e crianças cruzaram os oceanos em busca de uma utopia, em busca de novas querências, nas três Américas e nos demais continentes. Em qualquer um dos destinos, na América do Norte, na América Central e na América do Sul, no Brasil, na Rússia, na Namíbia ..., a mulher forte e corajosa, destemida e, contudo, consciente do seu papel feminino de mãe, esposa e companheira fiel, acertou o passo no mesmo ritmo do homem, quando se tratava de enfrentar o desconhecido e fazer a sua parte. Não poucos artistas foram de uma rara felicidade ao fixar para a posteridade, em monumentos comemorativos, as figuras de tais mulheres. Uma destas representações encontra-se no porto de Puerto Montt, em homenagem aos imigrantes alemães que colonizaram o Sul do Chile. Na frente caminha o homem com machado na mão em atitude de desafio à floresta desconhecida e, um pouco atrás, a mulher com o filho pequeno nos braços e o outro um pouco maior ao lado. De cabeça erguida parece encorajar o homem: “Abre a primeira trilha, limpa a primeira clareira, construa o primeiro abrigo, que eu tenho consciência da parte que me cabe e darei conta dela no que der e vier”.

As histórias e reflexões sobre as mulheres entre os imigrantes e seus descendentes no sul do Brasil, valem também para as imigrantes italianas vindas do norte daquele país. As populações daquelas regiões descendem basicamente dos Cimbrós e Teutões, dos Ostrogodos, Visigodos, Alamanos, Longobardos e demais grupos germânicos que cruzaram ou contornaram os Alpes e se fixaram definitivamente naquela região. Valem também para os imigrantes poloneses, rumenos, lituanos, belgas holandeses, suecos, noruegueses, teuto-russos e outros.

Dos vinte contos dialetais escritos pelo Pe. Balduino Rambo, caracterizando a obra colonizadora dos alemães no Sul do Brasil, com seus personagens e atores, três são dedicados inteiramente à mulher. Já os títulos são sugestivos: “Susana Bitterselig”, “Bárbara Pannekuche” e “Festa do Batizado”. O primeiro começa com uma caracterização fiel das circunstâncias em que a mulher imigrante foi obrigada a viver. Susana a mulher forte do colono Cristóvão conta.

Meu pai comprou uma colônia de terra na Picada do Pote do Leite, na época em que lá ainda era tudo mato. Nos primeiros anos morou numa casa que não era muito mais do que uma choupana. Naquela choupana miserável nascemos os cinco mais velhos. Não éramos ricos, mas nunca faltou comida e todos tínhamos saúde. O mato em volta estava cheio de animais selvagens. Os bugios andavam sobre os galhos da grande figueira ao lado da estrebaria e, nos dias de chuva faziam música. Meu pai costumava dizer que era a companhia de músicos da Picada do Pote do Leite. De noite, quando escurecia, escutava-se com frequência o urro da onça no alto do morro. Nós crianças corríamos para dentro de casa e nos escondíamos debaixo das camas. Também o nosso cachorro perdia a coragem e nos acompanhava para dentro de casa. (Rambo, Balduino, 2.002, p. 67-68)

Não há dúvida de que o êxito das colonizações também no Sul do Brasil, se deve tanto às mulheres quanto aos homens. Sem o seu comprometimento para a vida e para a morte, a obra não teria deitado raízes, muito menos prosperado. Os homens e, mais ainda as mulheres, deram tudo de si num grau heroico, mas infelizmente niveladas pelo anonimato. Mesmo que se conheçam poucos nomes de figuras exemplares de mulheres, foi no anonimato que as Marias, as Margaridas, as Susanas, as Bárbaras, as Gertrudes, as Matildes, as Elisabethes, as Irmgardas, as Hildegards, as Ingrids, as Anas, numa parceria de total compromisso com os Pedros, os Jacós, os Alfredos, os Nicolaus, os Matias, os Felipes, os Cristovãos, entregaram-se, sem restrições e sem reticências, à missão que lhes fora confiada e a levaram a bom termo.

A referência à mulher na colonização do sul do Brasil merece ser ilustrada com o exemplo de três dessas figuras femininas que deixaram para a história os relatos escritos de suas vivências nessa empreitada. Pela ordem cronológica de suas presenças e participação nesse projeto colonizador destaco a figura de Madame von Langendonck, nascida em Antuérpia, Bélgica em 1798 e falecida em 1875 em Arroio Grande no Rio Grande do Sul. Como sugere o próprio nome, pertencia à uma família da aristocracia belga. Depois do falecimento do marido e os 11 filhos e filhas já criados resolveu emigrar para o sul do Brasil. Foi estabelecer-se na fronteira de colonização na colônia de Montravel, hoje São Vendelino, Piedade e arredores. Como é conhecido o Imperador cederá ao então cônsul francês Montravel a colonização daquela área. O empreendimento não teve o êxito esperado e as terras voltaram para a administração imperial. Dois filhos da Madame von Langendonck trabalhavam como agrimensores naquela colonização.

Apesar das recomendações de cautela fixou-se na floresta e descobriu nela um mundo encantado que jamais teria imaginado. Empolgada escutava o canto dos pássaros, admirava as grandes árvores, as cores e o silêncio eloquente daquela penumbra que tinha muito mais a comunicar à sua fantasia de poetisa, do que a civilização refinada que deixara na Europa. Por um bom tempo um filhote de onça foi sua fiel companhia. Acomodava-o no colo e brincava com ele. Mas, segundo ela na medida em que a oncinha crescia chegou a um ponto em que um macaco por dia já não era o suficiente para saciá-la. Depois de dois anos retornou à Antuérpia. Deixou um livro com o título: “Um Colônia no Brasil”, além de um “Diário”, que se constituem fontes obrigatórias para os estudiosos do começo da colonização do vale do Cai. Tomada de saudades pela natureza virgem do sul do Brasil e dos filhos que tinham emigrado voltou ao Rio Grande do Sul e, pelo que se pode deduzir, foi residir em Arroio Grande em companhia dos filhos empenhados na demarcação dos lotes coloniais da Serra do Sudoeste. Seu diário da primeira e segunda permanência no Estado, fornece uma riqueza e detalhes da época, não encontráveis em outros documentos. Faleceu e foi sepultada naquela localidade.

Maria Rohde, nascida Wirsch, conta como mais uma personalidade feminina merecedora de um hino de louvor como pioneira em fronteira de colonização no sul do Brasil. Nasceu em Trier na Alemanha. A família emigrou para os Estados Unidos, onde obteve a cidadania americana. Depois da Primeira Guerra Mundial os Wirsch emigraram para o Brasil. Em Estrela, mais exatamente no Arroio da Seca, no Rio Grande do Sul, onde foram residir casou-se com Carlos Rhode. Na época, segunda metade da década de 1920, começou a ser implantada a fronteira de colonização no oeste de Santa Catarina, a “Colônia de Porto Novo” que hoje cobre os municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis. Carlos Rhode foi encarregado pela Sociedade União Popular, como responsável pelo empreendimento como Diretor da execução do projeto. Foi fixar-se na margem do rio Uruguai num lote na floresta virgem, área que evoluiu para o futuro povoado de Sede Capela. Depois do nascimento do primeiro filho em Estrela, Maria foi ao encontro do marido em fins de 1927. Participou da instalação da moradia, toda de madeira, na clareira recém aberta na mata virgem. Vivenciou com o marido e os medidores dos lotes da colônia uma vida semelhante a um acampamento. Em seguida foi buscar o filho pequeno, os pais e as duas irmãs em Estrela e a família toda foi morar na “Nova Colônia”. Condensou suas vivências no livro “Wie eine Frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah” – Como uma mulher viveu a evolução de uma Colônia na mata virgem”, escrito por ela para o 25º aniversário da Colônia em 1950. Não se trata de uma autobiografia, mas do relato das vivências, experiências, alegrias, dramas comuns a tais circunstâncias. Enfim, traça o perfil das mulheres fortes, conscientes do papel que lhes cabia, em parceria com seus maridos, nos anos pesados do começo da construção a partir do nada de uma nova “querência”, uma nova “Heimat”, onde não havia nada além da floresta virgem com suas promessas e perigos. Nos seus apontamentos desfilam pela imaginação do leitor as “heroínas fundadoras”, parceiras leais e comprometidas com seus homens, relegadas ao anonimato e, não raro, não devidamente reconhecidas e valorizadas pelos netos e bisnetos que herdaram as condições mais propícias para prosperar na vida, numa paisagem humanizada de excepcional qualidade de vida, onde há um século sucediam-se, como ondas do oceano, as sequências das copas dos gigantes da floresta e na sua penumbra ecoava a sinfonia das criaturas de Deus. Sugiro, aos que tiverem ocasião, visitar os cemitérios de Sede Capela, Itapiranga, São João do oeste, Tunápolis e outros. Ao pisar o chão sagrado desses

locais, descubram-se e, caminhando entre as fileiras de sepulturas louvem a Deus e agradeçam às heroínas e heróis que aí descansam e a quem devem o bem estar e as oportunidades que o pedaço de chão abençoado em que pisam, oferece às atuais e futuras gerações. Autora do livro observou que ao examinar a documentação relativa ao empreendimento, o destaque foi reservado em primeiro lugar aos feitos dos desbravadores, enquanto a referência às pioneiras desbravadoras, parceiras fiéis dos seus homens, ocupa como que um espaço à margem das narrativas. Vale a pena registrar o cotidiano dessas heroínas, assim como ela as observou ao percorrer a cavalo ou de carro todas as comunidades em formação nas décadas de 1920, 1930 e 1940.

“Inúmeras vezes nas minhas cavalgadas e visitas de carro pela colônia observei mulheres dando conta das tarefas mais pesadas no mesmo nível dos homens. Principalmente no começo quando havia escassez de braços, observei, não poucas vezes, mulheres com o machado na mão derrubando a vegetação secundária e até derrubando os gigantes da floresta. Observei-as serrando com traçadores, em parceria com seus homens, grossas toras de árvores preparando tábuas, postes, barrotes, caibros e tabuinhas, para construir suas primeiras moradias. Observei-as também empenhadas na construção propriamente dita das casas. E, depois de um dia de trabalho cansativo e na cabana provisória enquanto a família descansava, não raro a mulher remendava a roupa dos seus amores, à luz de uma lamparina alimentada com banha pois, as horas do dia eram preciosas demais para dar conta de mais essa tarefa. E, aos primeiros clarões do novo dia, era a primeira a estar em pé para deixar a casa em dia, o café pronto e a família reunida para o desjejum. Depois seguia mais um dia de trabalho duro encarado com boa disposição”. (cf. Rhode, 1950, p. 228)

Uma terceira personalidade feminina de destaque pelas memórias que deixou registradas no livro de sua autoria: “Die Tochter des Pioniers” – “A filha do Pioneiro”, com tradução para o português e o espanhol, vem a ser “Tutz Culmey Herwig”. Fez o papel de secretária do pai, Carl Culmey, engenheiro agrimensor. Nascido e formado na Alemanha veio exercer a profissão no sul do Brasil e norte da Argentina. Foi ele que mediu as terras na região de Cerro Largo e Santo Cristo enquanto o Pe. Max von Lassberg dava atendimento aos colonizadores, procedentes na sua maioria das “velhas colônias” com se costumava dizer então. E, como inciso, um detalhe um tanto peculiar para as décadas iniciais do século XX. Max von Lassberg era jesuíta e Culmey protestante. Apesar disso consolidaram uma parceria que tinha como base muito mais do que uma relação de competências. Cultivavam uma respeitosa amizade que resultou num compromisso de suporte mútuo para cumprir a missão de abrir perspectivas de futuro para os excedentes que se acumulavam nas colônias mais antigas. Essa parceria foi também o suporte do sucesso na colonização de Puerto Rico na Província de Misiones no norte da Argentina.

A última empreitada de Carl Culmey foi a colonização da região de Palmitos quando veio a falecer afogado no rio Uruguai. A filha Tutz fez-se sua secretária e não perdeu a oportunidade para observar atentamente o papel da mulher numa frente de colonização. Aos 83 anos reuniu suas observações no livro acima citado: “Die Tochter des Pioniers” – “A Filha do Pioneiro”. O foco dessa obra que interessa aqui resume-se no papel e no lugar da mulher naquelas colonizações. Gisela Lermen na sua tese de doutorado: “Mulheres alemãs emigrantes no sul do Brasil” pinçou do livro de Tutz Culmey um parágrafo que resume as reflexões registradas no livro “A Filha do Pioneiro”. “Aqui é o momento e lugar para cantar um hino de louvor a essas pioneiras anônimas da floresta virgem que cumpriam com as tarefas mais inimagináveis próprias do dia a dia. Cozinham, cuidavam dos filhos, tomavam conta dos animais

domésticos, a administração da casa, costuravam, remendavam, ordenhavam as vacas e o que mais se possa imaginar. Pouco tempo restava para o descanso. E quando o ao entardecer o marido voltava da roça cansado, esperava-o com o chimarrão pronto. Enquanto ele descansava, ela continuava o trabalho desgastante até altas horas da noite. Importava dar banho às crianças e acomodá-las nas camas para dormir, selecionar o feijão e deixar tudo organizado para a manhã seguinte. Ela, a primeira a levantar, prepara o café, apronta as crianças para irem à escola, alimentar as galinhas e os porcos, ordenhar as vacas. E, depois de ter dado conta das pequenas tarefas da casa, segue o marido para ajudá-lo na roça para voltar correndo para casa e aprontar o almoço, lavar a louça, supervisionar as tarefas escolares dos filhos para, novamente, seguir para roça e ajudar o marido”. (Büttner Lermen, 2006, p. 54)

Assistência às parturientes

Além da epidemia da varíola e dos seguidos surtos de tifo, uma outra questão relacionada com a saúde era motivo de permanente preocupação. Vinha à tona quando da aproximação da data do nascimento de qualquer criança na colônia. Falamos da assistência às parturientes. Complicações direta ou indiretamente relacionados com o parto contaram entre as principais causas de óbitos de mulheres jovens.

Na sua tese de doutorado publicada na Alemanha com o título “Deutsche Auswanderinnen in Brasilien”, Giesela B. Lermen, começa a sua avaliação sob e a presença da mulher na imigração alemã, com a afirmação: “A mortalidade materna em consequência do parto, é um dos capítulos mais obscuros da história da colônia”.

Não resta dúvida de que nos encontramos frente a um tema, de um lado comum a todas as comunidades coloniais e, do outro, um dos menos comentados. De qualquer forma não é difícil formar-se uma ideia da extensão e profundidade do problema. Basta tornar conscientes as circunstâncias reinantes no meio colonial, durante todo o século XIX e os primeiros anos do século XX, no que se refere à assistência às parturientes. Começa por aí que não havia nem médicos nem hospitais a quem recorrer. No que se relacionava com recursos em casos de doenças e os problemas surgidos por ocasião de muitos partos, os colonos estavam entregues à própria sorte. Com isso a mortalidade de mulheres jovens chegou a níveis preocupantes. A autora refere um levantamento feito pelo “Deutsches Volksblatt” em 1908 sobre a expectativa de vida na colônia. Serviam como base os registros de óbitos da paróquia de São José do Hortêncio entre 1868 e 1908. Os números falam por si mesmos. Dos falecidos entre os 30 e 50 anos de idade, constavam 21 homens e 51 mulheres. O jornal fez o dado acompanhado da observação: “Certamente uma prova cabal da importância da questão das parteiras para a colônia e a urgência para encontrar uma solução para esse problema.

Os alarmantes dados sobre a mortalidade materna em função da deficiente assistência às parturientes, reclamava por ações e iniciativas eficientes e duradouras. O Dr. Gabriel Schlatter que conhecia muito bem a situação da assistência médica na colônia, manifestou-se da seguinte forma sobre o problema, na sétima Assembleia Geral da Associação dos Agricultores do Rio Grande do Sul, realizada em Estrela em maio de 1907:

Posso garantir-lhes que aqui na colônia alemã no Rio Grande do Sul, cada ano centenas de colonos morrem em consequência da assistência defeituosa durante o parto ou elas

adoecem pouco tempo depois, muitas delas morrem e muitas que, em caso favorável, melhoram parcialmente, continuam durante a vida toda com alguma seqüela. Pois mal passa uma semana, na qual um ou outro dos nossos jornais alemães não traz a participação de luto de que (...) uma mulher e mãe faleceu no apogeu da vida, em consequência dum parto. (citado por G. B. Lermen 2006, p. 236)

Da fala do Dr. Schlatter resultou um acalorado debate do qual participaram os padres Amstad e Gasper e o pastor Gans. Concluíram que a situação era tão grave que exigia uma ação séria e urgente, de natureza permanente e a longo prazo. Na proposta estava implícito o propósito de, de alguma maneira treinar parteiras para socorrer as parturientes das comunidades coloniais. Naquela assembleia geral, entretanto, não foi tomada nenhuma resolução concreta neste sentido. A adoção de uma solução aconteceu no ano seguinte na Assembleia Geral de Santa Cruz do Sul. Por decisão da grande maioria foi aprovada a criação de uma instituição de treinamento de parteiras fora de Porto Alegre. A decisão apoiou-se na lógica de que a quase totalidade das candidatas procedia do interior da colônia e sua atividade seria desenvolvida neste meio. A escolha recaiu sobre a cidade de Estrela pelo fato de o Dr. Schlatter já manter um curso de treinamento junto ao seu consultório normal. Bastava ampliá-lo, equipá-lo melhor e franqueá-lo a candidatas procedentes de toda a região colonial. Infelizmente o curso de treinamento de parteiras foi uma das primeiras iniciativas da Associação Riograndense de Agricultores a ser atingida quando esta foi transformada em Sindicato Rural no ano seguinte. Por decisão unilateral do Sindicato de Santa Cruz o curso foi transferido para Porto Alegre com a alegação dos benefícios que poderia auferir com a proximidade da Faculdade de Medicina. A decisão implicou na mudança da própria natureza do curso e teve como consequência o afastamento do Dr. Schlatter e frustrada a intenção de formar parteiras especificamente para o meio colonial com profissionais procedentes daquele contexto e conhecedoras das características humanas do seu campo de trabalho. Gisela Lermen comenta a respeito da situação em foco:

Apesar da situação assustadora pintada pelo Dr. Schlatter e amparada nas estatísticas, sobre o estado de coisas relativo ao atendimento às parturientes durante o século XIX na colônia, a presença de parteiras e sua atuação provam igualmente que exerceram a profissão com prontidão e eficiência e cômicas da sua responsabilidade, gozando do reconhecimento da população da colônia. A memória delas foi perpetuada em anúncios fúnebres escritos por maridos, filhos, noras e genros, assim como em manifestações de gratidão por parte de maridos pelos atendimentos dado às esposas. (Lermen, Gisela, 2006, p. 236)

A presença dessas parteiras, sua importância para a colônia e sua dedicação à causa, foram objeto de referência, de manifestações de reconhecimento e de gratidão, registrados em almanaques, jornais, periódicos e nas reuniões de associações e congressos.

De qualquer forma a situação das parturientes teria sido muito mais problemática se, a partir da segunda metade do século dezanove as comunidades da região mais antiga do vale do Sinos e Caí e, em parte da região mais recente dos vales do Taquari, Pardo e Jacuí, não contassem com parteiras dedicadas e competentes. Na tese de Gisela Lermen encontra-se uma lista delas com

a data do falecimento e a comunidade em que atuaram: Elisabeth Scherer, falecida em 1901, trabalhou em Lomba Grande; Bárbara Spaniol atuou em São José do Hortêncio e faleceu em 1893; Ana Maria Eich, falecida em 1908 atendeu a comunidade de Erval; Susanne Gallas, falecida em 1912 atendeu as comunidades de Dois Irmãos, Gauer Eck (São José do Sul) e São José do Hortêncio; Franziska Allgayer, falecida em 1901, teve Ivoti como campo de ação; Anna Junges, falecida em 1897, exerceu sua atividade em São Salvador (Tupandi); Anna Maria Schmidt, falecida em 1898, em Campestre (Salvador do Sul) e São Pedro da Serra; Maria Kunrath, falecida em 1905, atuou no Tigertal (Feliz); Gertrud Hauptental, falecida em 1905, atendeu Linha Bonita e Harmonia; Helena Spieker, falecida em 1907, atuou na Linha Tamanduá (Lajado); Katharina Rippel, falecida em 1904, atendeu a Colônia Mariante.

Obviamente essa lista não está completa, mas dá uma boa ideia do nível de assistência de que dispunham os colonos relativo à sempre vital questão da assistência às parturientes, aos nascituros e recém nascidos.

Convém não esquecer que, apesar da dedicação das parteiras, a falta generalizada de médicos, deixava uma grave lacuna na assistência às parturientes. Em situações mais graves como complicações devido a infecções, necessidade de cesariana, etc., a ausência de médicos cobrava preços muito altos, em não poucos casos a própria vida da mulher e ou da criança.

Põe-se a essa altura a pergunta: E quem foram essas mulheres parteiras, qual o seu perfil humano e profissional? Para começar a quase totalidade eram mulheres comuns, casadas com colonos, mães de famílias numerosas, como mandava o costume da época, donas de casa, agricultoras, nos intervalos em que não se encontravam em missão de atendimento a alguma parturiente. Apropriavam-se dos conhecimentos e da prática junto a profissional experimentada. Mais raro eram os casos em que as aspirantes à profissão se submetiam a algum estágio em hospital em Porto Alegre. Em todo o caso, todas as parteiras daquela geração dedicavam-se à profissão como uma autêntica vocação que se alimentava na solidariedade para com as mães, suas famílias, comunidades e do compromisso para com as novas gerações. Por isso mesmo gozavam do respeito e simpatia geral. Em contrapartida respondiam com uma discrição à toda a prova e um respeito profundo para com as pacientes. Eram personalidades conhecidas e respeitadas como eram o padre e o professor. Costumavam ser chamadas pelo sugestivo qualificativo “Storchentante”, “Tia Cegonha”.

Por fim permito-me prestar uma homenagem especial às diaconisas, as “Schwester” e as irmãs de caridade que durante mais de meio século fizeram com que os hospitais e sanatórios que vinham sendo implantados em número crescente, fossem de fato locais onde enfermos e familiares, encontravam um tratamento digno. Elas, religiosas de ambas as confissões, marcaram com sua presença, entre 1900 e 1950 e mais tarde ainda, dezenas de hospitais, grandes e pequenos, espalhados pelo Rio Grande do Sul. No Moinhos de Vento, nos hospitais de Montenegro, Sinimbu, Panambi, Não Me Toque, Taquara e outros atuaram as Schwester, as diaconisas. Na Santa Casa de Misericórdia, na Beneficência Portuguesa, no Mãe de Deus, no Centenário em São Leopoldo, no Regina de Novo Hamburgo, no Sagrada Família de São Sebastião do Cai, no Pompéia de Caxias do Sul e em dezenas de outros hospitais menores,

marcaram presença as irmãs de caridade de diversas congregações católicas. Ouso afirmar que o nível de muitos desses hospitais foi conquistado pela competência, o comprometimento, a dedicação e, porque não deixá-lo claro, pelo amor ao próximo que animava essas religiosas de ambas as confissões. O Moinhos de Vento, o Regina, o Mãe de Deus e tantos outros não teriam a fama de que hoje gozam, se não tivessem nascido, crescido e se consolidado nas mãos dessas religiosas de ambos os credos. Acima da competência administrativa e profissional, zelavam por um comportamento ético rigoroso e o respeito aos pacientes regia o cotidiano dos hospitais e marcava limites para médicos e demais profissionais da saúde.

Homenagem igual às religiosas nos hospitais, sanatórios e outras instituições que cuidavam da saúde, merecem aquelas que se dedicaram à educação em todos os níveis. Ao primeiro colégio de nível médio no sul do Brasil, o São José em São Leopoldo em 1872, somaram-se dezenas de outros nos centros urbanos de alguma importância pelo Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX. Em Porto Alegre o Bom Conselho e o Seigné ainda hoje são referência pela qualidade de ensino que oferecem à juventude feminina da capital. Da mesma forma encontramos colégios de excelência em Santa Cruz do Sul, em Santa Maria, Estrela Lajeado, Caxias do Sul, Garibaldi, Pelotas e não poucas outras cidades. Pelo significado e pela importância no nível cultural e religioso no período que acabamos de assinalar, a presença das religiosas de ambos os credos tanto no campo da saúde quanto da educação mereceria um estudo aprofundado da história das centenas senão milhares de mulheres que deram tudo de si nessas duas áreas de tanta importância para que uma população próspera e usufrua de um nível de vida digno. Embora na sua imensa maioria fosse nivelada no anonimato pelos estudiosos história da educação e da saúde, mas, por terem praticado o amor ao próximo, não raro de forma heroica, a Sagrada Escritura promete que seus nomes brilharão como estrelas no firmamento por perpétuas eternidades.